



Divulgação

## OS RESULTADOS DO MUTIRÃO

EM 1997	EM 2001
<b>713</b> obras inacabadas	<b>68</b> prédios inaugurados
<b>153</b> empreendimentos não passavam de um terreno cercado	<b>200</b> empreendimentos tiveram as obras retomadas
<b>42 mil</b> mutuários ficaram sem receber os imóveis	<b>5 mil</b> mutuários já vivem em seus imóveis, depois de concluídos



Sérgio Dutti/ÉPOCA

CASA NOVA Mori pagou R\$ 77 mil a mais, mas conseguiu terminar seu prédio

## CASO ENCOL

## O fim do pesadelo

Vítimas do calote da construtora organizam-se em cooperativas e concluem prédios inacabados

**E**m 1997, a Encol protagonizou a maior derrocada da construção civil no Brasil. Ao pedir concordata, a construtora deixou 42 mil mutuários sem os imóveis pelos quais haviam desembolsado suas economias. Em 22 Estados e no Distrito Federal, 713 empreendimentos foram abandonados. Muitos dos prédios não podiam nem ser chamados de obras. Eram um terreno cercado e decorado com placas. Quatro anos depois, as vítimas da Encol estão produzindo uma virada nessa história. Por todo o país, multiplicam-se os casos em que os mutuários, unidos em regime de cooperativa, recuperaram os empreendimentos, juntaram dinheiro para concluí-los e mudaram-se para sua nova casa.

Segundo a Associação Nacional dos Clientes da Encol (Ance), 68 prédios já foram inaugurados e outros 200 estão em andamento graças a esse regime de mutirão. "Foi difícil fazer as pessoas acreditar numa solução, mas conseguimos", diz Charles Belchier, presidente da Ance. Os compradores dos imóveis precisaram desembolsar entre R\$ 10 mil

e R\$ 120 mil além do preço acertado no contrato com a Encol para concluir as obras, segundo estimativas da Ance. O valor pode assustar, mas quem entrou na empreitada não se arrepende – até porque era um jogo de tudo ou nada.

**É o caso do economista** Júlio Takeo Mori, dono de um apartamento de quatro quartos no Sudoeste, um bairro de classe média de Brasília. Quando a Encol quebrou, menos de 20% do prédio de Mori havia sido construído, apesar de alguns compradores terem quitado seus apartamentos por até R\$ 190 mil. "O edifício era menos que um esqueleto", lembra. O economista e outros 39 proprietários se organizaram e contrataram diferentes construtoras, conforme a etapa da obra, para baratear custos. No início deste

**PEDRO PAULO** Ex-dono da maior incorporadora do país, dirige hoje um carro emprestado pelo irmão

ano se mudaram para o prédio. Mori precisou investir mais R\$ 77 mil, mas acha que valeu a pena. "Nossa política foi perder um pouco para não perder tudo", afirma.

No mês passado, o Judiciário deu um sinal definitivo de disposição de ajudar os mutuários. Pela primeira vez, o Superior Tribunal de Justiça analisou uma disputa entre bancos e compradores de imóveis para saber quem teria direito a um prédio oferecido pela Encol como garantia de um empréstimo. Venceram os mutuários.

Essas vitórias salientam a decadência do ex-dono da Encol, Pedro Paulo de Souza. Aos 65 anos, Pedro Paulo só pode sair de Goiânia, onde vive, com autorização judicial. Trabalha quase dez horas por dia como consultor de empresas de engenharia para garantir um ganho mensal em torno de R\$ 3 mil. Passou a frequentar com a mesma devoção

um centro espírita e um consultório de psiquiatria. "Isso me ajuda a enfrentar os problemas", diz Pedro Paulo, que consome comprimidos para controlar pressão alta, diabetes e depressão. ■

SOLANO  
NASCIMENTO,  
DE BRASÍLIA



Roberto Castro/ÉPOCA



## Decretada prisão de cunhado do governador

Decisão de juiz alcança também ex-cônjuge de Ignácio e mais 7 pessoas

LUCIA MARTINS

VITÓRIA - A juíza da 1ª Vara Criminal de Vitória, Luciana Spitz, decretou ontem a prisão temporária de Carlos...

## Errei ao nomear familiares, diz Ignácio

DA ENVIADA A VITÓRIA

O governador do Espírito Santo, José Ignácio Ferreira, 62, disse

Ignácio - Em certo sentido, sim. Esse episódio vai revelar — não sei em que dimensão — que houve essas coisas.

nacional defendendo o sr.?

Ignácio - Isso é uma coisa da natureza humana. As pessoas esperam para ver o que vai dar. O Al-

## População capixaba quer a saída de José Ignácio

Segundo pesquisa, 60% da população é a favor do impeachment do governador

LUCIA MARTINS

- De cada 10 moradores de Vitória, 6 querem o impeachment do

denúncias), para 57%. O total dos que aprovam o governo caiu de 25,2% para 9,5%. A maioria (91%) dos moradores da Grande Vitória convenceu o governador: corrupção e colarinho de propina. A assessoria de imprensa do governador rebate a pesquisa e diz que ela não é confiável porque o Instituto Fu-

**MIRAGEM** José Ignácio vê o passado de advogado esquerdista submergir num festival de denúncias

## CORRUPÇÃO

# Horizonte turvo

O Espírito Santo vive a contradição entre uma economia forte e uma classe política arcaica, envolvida em escândalos

LYDIA MEDEIROS, DE VITÓRIA

**N**uma tarde de fim de verão, nove meses atrás, o tempero picante de uma galinha ao molho pardo mudou os rumos do governo do Espírito Santo. Em torno do suculento prato, um grupo de políticos da oposição capixaba decidiu partir para a ofensiva contra o governador tucano, José Ignácio Ferreira, de 62 anos. À mesa, o prefeito de Cachoeiro de Itapemirim, Theodorico Ferraço, liderou os discursos, descrevendo escândalos supostamente comandados pelo governador. Personagem folclóri-

co do local, Ferraço, de 64 anos, mudou a meteorologia política no Estado.

Pouco depois da galinhada, o Ministério Público recebeu um calhamaço de denúncias sobre corrupção. Na sequência, surgiram uma CPI e um pedido de impeachment do governador. Desde então, José Ignácio tenta equilibrar-se na corda bamba do mandato. Foi obrigado a demitir a mulher, Maria Helena Ferreira, e auxiliares como o cunhado Gentil Ruy, hoje trancafiado numa cela da Polícia Militar. Sitiado no Palácio Anchieta, em Vitória, o governador protagoniza um dos mais espetaculares naufrágios da cena política brasileira dos úl-

timos tempos: oito em cada dez capixabas acreditam que ele está no centro dos maiores casos de corrupção investigados no Estado, mostra a mais recente pesquisa de opinião realizada por uma entidade local, o Instituto Futura.

**A crise é singular. O Estado tem uma face moderna e está entre os dez mais industrializados do país. É estuário de grandes e lucrativas empresas privadas, como a Vale do Rio Doce, a Companhia Siderúrgica de Tubarão e a Aracruz Celulose. Exibe um Produto Interno Bruto (PIB) per capita maior que a média do país. Ao mesmo tempo, a miséria floresce à margem das principais cidades, ►**

# Mulher de Ignácio tem bens bloqueados

## Empresário confessa ter feito doação a governador em troca de facilidades

trânsito ficaria mais fácil — disse o empresário. Em depoimento à Receita Federal, João Batista Franco afirmou que a negociação foi feita diretamente com José Ignácio, o portador do nome

12 • O PAÍS

# A ex-mulher forte do Espírito Santo se esconde

## Envolvida em denúncias de corrupção, a primeira-dama Maria Helena, secretária demitida, foge dos holofotes

**ESTRELA** Acusada por denúncias de corrupção e primeira-dama do Espírito Santo, Maria Helena Ferreira se tornou alvo de uma investigação do Ministério do Trabalho e Ação Social, da Companhia de Abastecimento do Espírito Santo e da Polícia Civil. Ela foi acusada de envolvimento em denúncias de corrupção e formação de quadrilha.

recebera a incumbência de ajudar a esposa próxima. Maria Helena se diz insegura e para não ficar no Espírito Santo, mudou-se com a família para quem vive de turismo e faz turismo — disse o promotor. O caso envolve o desvio de recursos e o pagamento de propina.



### EVITA TROPICAL

## Maria Helena foi indiciada por formação de quadrilha e corrupção passiva

a degradação ambiental avança, o Tesouro sustenta-se à beira da falência há pelo menos uma década e a classe política parece conformada com sucessivos fracassos. "O sistema político capixaba é típico das sociedades desiguais. É um Estado moderno gerido pelo arcaico", avalia o cientista político João Gualberto, presidente do Futura.

A agonia do governo José Ignácio está descrita em relatórios do Ministério Público Federal e do Estadual, do Banco Central e da Receita Federal. Eles apontam indícios de crimes na administração: desvio de recursos, formação de caixa dois, cobrança de propina para a liberação de incentivos fiscais, evasão de divisas. "Vivemos duas realidades. Uma administração de bens particulares fantástica e uma administração pública caótica", atesta o procurador Ronaldo Albo, responsável por seis anos de investigação nos desmandos do governo estadual. "Pessoas de bem se sentem intimidadas para assumir um cargo público, porque o crime organizado é muito forte." Albo está de mudança para o Sul.

Três inquéritos no Superior Tribunal de Justiça (STJ) tratam do governador. Um deles averigua o uso de um empréstimo de R\$ 2,6 milhões do Banestes para financiamento da campanha em 1998.

BRASIL

## Cipoal de denúncias enreda governo tucano

Vice diz que Estado está "sem timoneiro"; governador passa os dias tentando explicar escândalo

CRISE NO ESPÍRITO SANTO

SANDRA BRASIL  
BANCA LUCIVALA MACHADO

da Costa, em Vila Velha. Tem sido assim a ação do governador nos últimos dias.

ista Legislativo. O procurador-geral da República, Geraldo Brindeiro, pediu ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) que autorize o

concelos (PSDB). "O Espírito Santo é um Estado sem honestidade", afirmou. Para isso, terá que pagar de

ria do município que tira o nome para criar um novo município.

As empresas Target, HGM Engenharia e Construtora CEC teriam quitado parte da dívida e recebido incentivos fiscais.

As investigações fecham o cerco a José Ignácio. O ex-tesoureiro Raimundo Benedito de Souza, o Bené, é suspeito de desviar R\$ 4,3 milhões de uma fundação ambiental. A quantia foi parar em contas abertas na Cooperativa de Economia e Crédito dos Servidores das Escolas Técnicas Federais (Coopetfes) e pagou contas da família Ferreira, inclusive a compra de imóveis. Gentil Ruy assumiu a culpa. Disse que Bené cumpria suas ordens. Ambos estão presos e a cooperativa liquidada pelo BC.

Desconfiança e decepção são palavras que traduzem a imagem de José Ignácio, segundo a pesquisa de opinião. Maria Helena partilha do tormento. Demitida da Secretaria de Ação Social, chora com facilidade. Inquérito policial indiciou-a por formação de quadrilha, peculato, prevaricação e corrupção passiva. Casada há 30 anos com o governador, Maria Helena, de 58 anos, encarna uma Evita tropical. Dedicava-se a projetos como a Fábrica de Sopa, al-

vo da devassa. A empresa funcionava com doações de empresários em troca de favores fiscais. Os proprietários da empresa TA Oil dizem ter pago R\$ 80 mil a um assessor do governo, Wilson Vilhagra: R\$ 30 mil para a fábrica e o restante para Maria Helena.

**José Ignácio perdeu aliados.** Ameaçado de expulsão do PSDB, antecipou-se. Migrou para o obscuro PTN, antigo partido do ex-prefeito paulistano Celso Pitta. O PMDB também o abandonou. A direção nacional interveio e 12 representantes da legenda no governo devem deixar os cargos. O mais consistente apoio de José Ignácio é José Carlos Gratz, presidente da Assembléia e bicheiro em recesso. Impetuoso, não esconde o passado de contraventor. Ao contrário, alardeia-o desde que trocou, oficialmente, a banca pelo comando de casas de bingo e pela vaga de deputado do PFL, em 1990. Lidera o legislativo local há cinco anos.

Aos 53 anos, olhos azuis ladinos, Gratz nega acusações de envolvimento no crime organizado e ironiza, com linguagem rústica, a própria biografia: "Na vi-



Montagem de Pepe Casals sobre foto de Chico Queiroz/A Gazeta



Claudio Pessoa/Gazeta de Vitória



**FÔLEGO Gratz, ex-bicheiro, acusado de chefiar o crime organizado, é homem forte no Estado**

da privada, meu rabo vai até a Austrália e ainda abana. Mas, na vida pública, ninguém acha nada". A CPI do Narcotráfico o desmente. Considerou Gratz o chefe do crime organizado. Das 800 páginas do relatório final, 168 são dedicadas ao Estado. O deputado foi importante para derrubar o impeachment em outubro. Coordenará o trâmite de um novo pedido, entregue à Assembléia em 12 de novembro pela oposição, à frente o senador Paulo Hartung (PSB), candidato à sucessão estadual e líder nas sondagens de opinião. Gratz assegurou: "Será arquivado".

Pequena faixa de terra administrada por uma máquina política rota, o Espírito Santo representa hoje cerca de 2% do PIB nacional. O vigor da economia, contudo, demorou a se revelar. Em 1953, a agricultura representava 54% da riqueza local. Em 1998, o setor não pesava mais que 8,8%. A vertiginosa mudança foi forjada a partir de grandes projetos que marcaram a década de 70, como a Vale, a CST e a Aracruz Celulose. Nos anos do "milagre", enquanto o país crescia em média 8,7% ao ano, o Espírito Santo chegava a taxas de 11,8%.

Instrumentos como o Fundo para o Desenvolvimento das Atividades Portuárias (Fundap) tornaram o complexo por-

tuário capixaba o primeiro em movimentação de cargas no Brasil. Criado em 1970, o Fundap concede incentivo aos importadores. Restitui sob forma de empréstimo dois terços do ICMS pago. Dá 25 anos para o pagamento sem correção e juros de 1% ao ano. Em 2000, desembolsou R\$ 421,5 milhões. Fonte de progresso, é também alvo do Tribunal de Contas do Estado e do Ministério Público. Trata-se de uma "caixa-preta" a ser

desvendada. Suspeita-se que haja cobrança de comissões para credenciar empresários. Em abril, o presidente da Xerox do Brasil, Guilherme Bettencourt, anunciou que fecharia a fábrica no Estado e denunciou o assédio de lobistas prontos a intervir para a liberação de créditos no valor de R\$ 20 milhões.

O Ministério Público detém-se ainda na Fundação de Integração Social (FIS), criada com recursos do Fundap repassados pelas empresas. Financiaria projetos sociais comandados por Maria Helena. Para os promotores, é uma entidade de fachada para legitimar a troca de favores com o governo e um espelho da sinuosa relação entre negócios públicos e privados. Os "fundapeanos" teriam desempenhado ainda papel importante na votação do impeachment. Sob a ameaça de extinção do benefício, teriam dado colaborações para garantir os votos favoráveis a José Ignácio.

Reconstruir a estrutura pública será o grande tema da eleição. Até o mês passado, a oposição estava unida em torno de Paulo Hartung. Rachou. O deputado federal Max Mauro, do PTB, decidiu lançar-se à sucessão. "Aqui se trava guerra aberta pelo dinheiro e pelo poder", reconhece Hartung. Em 2002, a lama será revolvida sem trégua. ■

**ESPÍRITO SANTO EM NÚMEROS**

	Espírito Santo	Brasil
Área	46.184 km <sup>2</sup>	8.547.403 km <sup>2</sup>
População (2000)	3.094.390	169.590.693
PIB (1998)	R\$ 17,3 bilhões	R\$ 913,7 bilhões
PIB per capita (1998)	R\$ 5.900	R\$ 5.600
Variação média anual do PIB (1970 a 1998)	6,5%	4,4%
Analfabetismo (1998)	12%	13,8%
Desemprego (1997)	6,5%	7,8%

Fontes: Ipes e IBGE